

**CORPO-TERRA E A CONSTRUÇÃO DA SERGIPANIDADE:  
uma pesquisa acadêmica e cênica do corpo como território de resistência, memória e  
identidade**

Jonathan Rodrigues Silva (UFS)<sup>38</sup>  
Leonardo Maia de Alencar (UESPI)<sup>39</sup>

**Resumo:** O artigo investiga como o projeto "Corpo-Terra" propõe uma ressignificação crítica do conceito de sergipanidade, tradicionalmente moldado por narrativas oficiais que silenciaram vozes afro-indígenas e marginalizaram práticas culturais. A partir das vivências e inquietações de Jonathan Rodrigues, "Corpo-Terra" utiliza as artes cênicas para explorar como o corpo pode ser um território de memória, resistência e reconstrução identitária. Inspirado no conceito de Corpo-Documento, de Beatriz Nascimento, e na escrevivência, de Conceição Evaristo, o projeto questiona as narrativas dominantes e resgata histórias ocultas em manifestações como o Samba de Pareia, o ritual do Lambe-Sujos e Caboclinhos, e as cosmologias do povo Kariri-Xocó. A pesquisa reflete sobre como a sergipanidade, frequentemente reduzida a uma abstração elitista e homogênea, ignora a pluralidade de vivências que compõem o território sergipano. "Corpo-Terra" emerge, assim, como uma contra narrativa que não apenas celebra, mas reposiciona essas práticas culturais como pilares centrais da identidade coletiva. O corpo, nesse contexto, torna-se uma plataforma de resistência e diálogo, onde a história e a ancestralidade se entrelaçam com a crítica ao poder, ao racismo estrutural e à devastação da natureza.

**Palavras-chave:** Corpo-Documento, Sergipanidade, Resistência Cultural, Culturas Afro-Indígenas, Memória e Identidade

**Abstract:** This article investigates how the "Corpo-Terra" project proposes a critical reframing of the concept of sergipanidade, traditionally shaped by official narratives that have silenced Afro-Indigenous voices and marginalized cultural practices. Drawing from the experiences and reflections of Jonathan Rodrigues, "Corpo-Terra" uses performing arts to explore how the body can serve as a territory of memory, resistance, and identity reconstruction. Inspired by Beatriz Nascimento's concept of Body-Document and Conceição Evaristo's notion of escrevivência (writing as lived experience), the project challenges dominant narratives and retrieves hidden histories in manifestations such as the Samba de Pareia, the Lambe-Sujos and Caboclinhos ritual, and the cosmologies of the Kariri-Xocó people. The research reflects on how sergipanidade, often reduced to an elitist and homogeneous abstraction, overlooks the plurality of experiences that shape the Sergipe territory. "Corpo-Terra" emerges as a counter-narrative that not only celebrates but repositions these cultural practices as central pillars of collective identity. The body, in this context, becomes a platform for resistance and dialogue, where history and ancestry intertwine with critiques of power, structural racism, and environmental devastation—encompassing both us and the entire ecosystem of which we are a part.

**Keywords:** Body-Document, Sergipanidade, Cultural Resistance, Afro-Indigenous Cultures, Memory and Identity

<sup>38</sup> Mestre em Culturas Populares através do PPGCULT pela UFS. Vínculo Institucional. Professor da Educação Básica do Estado de Sergipe. Contato: [rodriguescena.1@gmail.com](mailto:rodriguescena.1@gmail.com).

<sup>39</sup> Graduado em Comunicação Social / Jornalismo pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Atua como assessor parlamentar no GT Socioambiental na mandata da deputada estadual Linda Brasil. Contato: [leodenjila@gmail.com](mailto:leodenjila@gmail.com).

## 1 INTRODUÇÃO – “SERGIPANIDADE OFICIAL”

A construção da identidade sergipana, ou sergipanidade, foi historicamente moldada por narrativas oficiais que, ao longo do tempo, têm promovido uma visão limitada e elitista do que significa ser sergipano. O termo "sergipanidade", muitas vezes usado como ferramenta de marketing político ou empresarial, acaba por diluir a complexidade da identidade do povo sergipano, esvaziando-a de história e ancestralidade.

Sergipanidade, segundo a narrativa oficial, remonta à emancipação política de Sergipe em relação à Bahia, um marco institucional que se consolidou com a autonomia do estado em 1820. No entanto, essa celebração da independência esconde camadas de violência e apagamento, principalmente contra os povos indígenas e os povos descendentes da África, que resistiram bravamente à colonização.

Éramos Tupinambá, Kiriri, Fulkaxó, Boimé, Karapotó, Kaxagó, Caeté, Aramuru, Xokó e mais de uma dezena de outros povos originários a viver em terras que hoje constituem o estado de Sergipe. Éramos muito mais de 20, 30, 40 mil quando da chegada dos invasores europeus por volta de 1530, ou até antes. Muitos outros indígenas, fugidos da escravização na Bahia, foram ainda acolhidos por estas terras.<sup>40</sup>

O massacre desses povos e a posterior construção de um discurso que privilegia a elite sergipana fazem com que a ideia de sergipanidade surja como um conceito unificado e homogêneo de povo, ignorando a diversidade cultural e étnica que compõe o estado. Parece ser uma identidade imposta, que muitas vezes não reconhece os próprios corpos e histórias que habitam esse território. A partir de suas vivências, o artista começou a se questionar sobre o que o distanciava da imagem de sergipano construída pelo imaginário coletivo. Com seus dreads e sua forma de ser, Jonathan era frequentemente confundido como baiano. Essa experiência o levou a refletir sobre os limites invisíveis que definem o que é "ser sergipano" e a questionar como a nomeação de uma identidade pode ser uma ferramenta de dominação, silenciando as múltiplas identidades que coexistem no território sergipano. Como afirma Antônio Bispo dos Santos, “Nominar é um ato de dominar”<sup>41</sup>.

<sup>40</sup> GÓES, Cristian. Sergipe é terra indígena lavada em sangue e esquecimento: como a elite local apagou da história as resistências e os genocídios dos povos originários. Manguê Jornalismo. Disponível em: <https://manguenjornalismo.org/sergipe-e-terra-indigena-lavada-em-sangue-e-esquecimento-como-a-elite-local-apagou-da-historia-as-resistencias-e-os-genocidios-dos-povos-originarios/>. Acesso em: 15 out. 2024.

<sup>41</sup> SANTOS, Antônio Bispo. Fala em Fórum Negro de Arte e Cultura [palestra]. Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, BA, 21 mar. 2019. Disponível em: Parte 2: <https://www.youtube.com/watch?v=aAjYeoo5DYc&t=4s>

A construção do povo sergipano, ao longo da história, tem sido um processo marcado por tensões entre forças hegemônicas e a resistência de grupos marginalizados. O conceito de sergipanidade, abordado pelos textos de Denio Santos Azevedo, Elza Maria Techio, Marcus Eugênio O. Lima, e Amâncio Cardoso, expõe resultado de escolhas culturais e políticas que visam solidificar uma identidade regional coesa, frequentemente de caráter elitista e urbano. Esses autores revelam que o discurso oficial sobre a sergipanidade é, em grande parte, moldado por interesses de poder, buscando uma visão unificada da cultura local que silencia vozes dissidentes.

A pesquisa de Azevedo, Techio e Lima, no texto "Identidade Regional e Memória Coletiva em Sergipe"<sup>42</sup>, argumenta que a memória coletiva sergipana tem sido, historicamente, construída através de símbolos, eventos e tradições selecionados estrategicamente para reforçar uma ideia de sergipanidade que privilegia as elites urbanas. Essa identidade oficial tende a folclorizar elementos culturais e ignorar a complexidade das culturas locais, especialmente as afro-indígenas e populares.

A sergipanidade oficial, portanto, atua como um filtro que decide quais aspectos culturais são dignos de serem celebrados, e quais devem ser relegados ao esquecimento. Essa seletividade cria uma visão de identidade regional que favorece uma narrativa de coesão e unidade, mas que, ao mesmo tempo, marginaliza grupos historicamente invisibilizados, porém, determinantes para a formação do povo sergipano.

A análise crítica de Amâncio Cardoso em "Sergipanidade: nota sobre um conceito" destaca que a sergipanidade oficial, consolidada no contexto da emancipação política de Sergipe em relação à Bahia, no início do século XIX, é uma construção ideológica que atende aos interesses de controle social e político, visando a manutenção de um status quo que privilegia valores eurocêntricos e urbanos. A homogeneização da identidade sergipana, portanto, atua como uma ferramenta de silenciamento e exclusão de culturas que não se encaixam na visão oficial.

Corpo-Terra propõe um olhar atento às memórias e histórias que foram apagadas ou minimizadas pelo discurso dominante. As pesquisas de Azevedo, Techio, Lima e Cardoso denunciam a construção de uma identidade sergipana elitista e folclorizante. O Corpo-Terra reivindica o corpo como território de memória, resistência e identidade, celebrando as culturas afro-indígenas e as tradições populares do interior de Sergipe. O projeto utiliza a arte cênica e

---

<sup>42</sup> AZEVEDO, Denio. S; TECHIO, Elza. M; LIMA, Marcus. E. O. Identidade regional e memória coletiva em Sergipe. Ponta de Lança, São Cristóvão, v.5, n. 10 abr. - out. 2012.

a performance como instrumentos para resgatar e valorizar essas culturas, promovendo uma espiral que envolve a diversidade étnica, social e cultural dos povos que ocupam esse território.

Corpo-Terra questiona as narrativas históricas dominantes e propõe uma ressignificação da identidade sergipana que reconheça a contribuição dos povos indígenas e das comunidades afrodescendentes na formação cultural do estado. A proposta é questionar a ideia de sergipidade como um conceito homogêneo, estático e elitista, abrindo espaço para múltiplas identidades que coexistem e resistem no território sergipano.

Ao utilizar o corpo como veículo de expressão e resistência, Corpo-Terra busca revelar camadas ocultas da memória coletiva de Sergipe, que foram silenciadas pelas narrativas hegemônicas, mas que sobrevivem e resistem no DNA, nos costumes, nas histórias das mais velhas, nas culturas populares, afro-indígenas e tradicionais que convivem dentro do estado.

## 2 CORPO-TERRA: IDENTIDADE EM MOVIMENTO

O que realmente nos define enquanto povo? Essa questão, central para a pesquisa de Corpo-Terra, ecoa nas inquietações do "artista pesquisador" Jonathan Rodrigues, que busca compreender, refletir e ressignificar o ser sergipano a partir de sua própria história e vivência enquanto pessoa preta, em convivência e envolvimento com as culturas afro-indígenas que formam Sergipe. A reflexão tem como ponto de partida as próprias experiências e inquietações do artista-pesquisador, nascido e criado em Sergipe, que encontra em seu próprio corpo o lugar de questionamento e resistência. Ao dialogar com as culturas afro-indígenas de Sergipe – como o Samba de Pareia<sup>43</sup>, as mulheres marisqueiras do quilombo Muçuca<sup>44</sup>, o ritual do Lambe Sujo

---

<sup>43</sup> O Samba de Pareia, manifestação cultural do quilombo Muçuca, é tradicionalmente conduzido por mulheres e celebra momentos marcantes na vida da comunidade, como o nascimento de crianças, mantendo vivos os valores e saberes afro-brasileiros.

<sup>44</sup> "Fazemos uso do “ç”, pois faz referência às origens indígenas do nome Muçuca, conforme especula Isabela e outros dentro e fora do quilombo. Oficialmente se escreve com ‘ss’. A formação desse povo/território remonta ao início da atividade açucareira em Sergipe, no final do século XVIII, quando se intensificou a presença de negros escravizados na região. Aproximadamente dois séculos depois que a coroa portuguesa massacrou a resistência do povo Tupinambá, liderada pelo cacique Serigy". SANTOS, Isabela dos; MAIA, Leonardo. O corpo território e as transformações no quilombo Muçuca. Agência Eco Nordeste. Disponível em: <https://agenciaeconordeste.com.br/povos-tradicionais/o-corpo-territorio-e-as-transformacoes-no-quilombo-mucuca/>. Acesso em: 27 out. 2024.

e Caboclinhos<sup>45</sup>, em Laranjeiras-SE, e a cosmologia do povo Kariri Xocó<sup>46</sup> – a obra traz à tona as nuances e profundidades dessas identidades, que são muitas vezes folclorizadas ou reduzidas a meras alegorias em eventos oficiais e comemorativos.

O projeto Corpo-Terra busca manifestar no corpo e na voz essas resistências, utilizando o conceito de Corpo-Documento, cunhado por Beatriz Nascimento<sup>47</sup>, onde o corpo é visto como um portador de memória e resistência histórica. Para Nascimento, o corpo carrega as marcas de seus ancestrais, de suas lutas e vitórias, tornando-se um arquivo vivo de narrativas que não podem ser esquecidas.

O corpo de Jonathan Rodrigues, enquanto ator, pesquisador e performer, se transforma em um território de disputa, onde as histórias de apagamento e violência são ressignificadas por meio da arte cênica. A sergipanidade institucionalizada, construída pelos marcos da emancipação política e pelas elites sergipanas, distancia-se dessa realidade. Como afirma Jonathan na dramaturgia: "O meu corpo, exatamente como ele é, sempre povoou essas terras!", subvertendo a ideia de que sergipano é apenas aquele que se encaixa na narrativa oficial, mostrando que o corpo negro, o corpo indígena, o corpo popular também é parte da identidade sergipana.

### 3 CONTEXTO HISTÓRICO E CRÍTICO DA SERGIPANIDADE

A construção da identidade sergipana é marcada por eventos históricos e culturais que refletem tanto a riqueza quanto as tensões do estado. A dissertação de Mirtes Rose Menezes da Conceição, intitulada "CONSTRUINDO UMA IDENTIDADE: UM DOWNLOAD DO MUSEU DA GENTE SERGIPANA", oferece uma análise crítica sobre a sergipanidade, explorando a narrativa apresentada pelo Museu da Gente Sergipana. Embora o museu busque criar um retrato abrangente da cultura local, a autora argumenta que essa representação, em

---

<sup>45</sup> A festa Lambe-Sujos e Caboclinhos, realizada anualmente em Laranjeiras, Sergipe, encena o confronto simbólico entre negros fugidos e indígenas a serviço dos senhores coloniais, sendo uma das mais tradicionais manifestações culturais do estado.

<sup>46</sup> O povo Kariri-Xocó, localizado em Porto Real do Colégio, Alagoas, na fronteira com Sergipe, representa a fusão de diferentes grupos indígenas após séculos de aldeamento e catequese. Eles mantêm vivas tradições como o Toré, o artesanato e a retomada da língua originária, reafirmando sua identidade cultural.

<sup>47</sup> Negra, migrante, nordestina e mulher, Beatriz Nascimento (1942–1995) foi uma das principais intelectuais do Brasil. Desenvolveu pesquisas sobre os "sistemas sociais alternativos organizados por pessoas negras", investigando desde os quilombos até as favelas, e destacou a identidade negra como instrumento de autoafirmação racial, intelectual e existencial.

muitos casos, reproduz um viés institucional que privilegia uma visão idealizada e, muitas vezes, elitista da identidade sergipana.

Historicamente, Sergipe, como outros estados do Nordeste e do Brasil, sofreu um processo violento de colonização, caracterizado pela expropriação e genocídio dos povos indígenas, a imposição da cultura europeia e a exploração do trabalho escravizado afro-brasileiro. Esses eventos contribuíram para a formação de uma elite local que, ao longo do tempo, consolidou um poder político e cultural, influenciando diretamente a construção da memória e da identidade sergipana. Essa memória institucionalizada, muitas vezes excludente, é o que a dissertação de Mirtes critica, especialmente ao analisar a museografia do Museu da Gente Sergipana.

"Nas Nossas Histórias, as histórias narradas parecem tão perfeitas e nem de longe lembram o sangue derramado dos negros nos canaviais; o número de trabalhadores agrícolas que contraíram doenças por conta da atividade com o tabaco, nem mesmo quantos pescadores morreram afogados nos canais fluviais sergipanos".

Evocamos esse trecho da dissertação de Mirtes para exemplificar a omissão de aspectos fundamentais da nossa história. No entanto, não se trata de falar apenas das derrotas e tragédias que atravessam a história dos povos afro-indígenas que compõem o território sergipano. Somos um povo dotado de uma rica cultura, de ciência, medicina, celebrações, e formas de governança que permanecem vivas até hoje.

Como diz Antonio Bispo dos Santos:

[...] Fui estudar Palmares, Canudos, Caldeirão, Pau de Colher, fui estudar a nossa trajetória. Nossa trajetória que venceu. Eu não vou estudar derrota. Por que eu vou falar de chicotada no corte de cana? Por que eu vou falar de pelourinho? Não, eu vou falar da capoeira, eu vou falar do candomblé, vou falar da umbanda, eu vou falar do Jucá, eu vou falar do congado, eu vou falar do jongo, eu vou falar de nós ganhando, porque pra falar de nós perdendo, eles já falam.<sup>48</sup>

Essa fala de Nego Bispo nos convida a refletir sobre como nossas vitórias, nossas formas de resistência e as expressões culturais afroindígenas são muitas vezes negligenciadas ou apresentadas de forma subalterna. Ao invés de nos limitarmos a narrativas de opressão, é fundamental que resgatar e celebrar as histórias de nossas conquistas: a resistência de nossos quilombos, o legado da capoeira, as práticas espirituais e culturais que continuam a afirmar nossa identidade e nosso poder enquanto povo.

---

<sup>48</sup> SANTOS, Antonio Bispo dos. *Palmares existiu antes, durante e depois de Zumbi*. Disponível em: <https://www.instagram.com/rocadequilombo/reel/C0WuAEmO0NL/>. Acesso em: 30 nov. 2024.

Embora o museu tente capturar a diversidade cultural de Sergipe, privilegia elementos que reforçam uma identidade regional "segura" e consensual. Manifestações culturais dissidentes muitas vezes são isoladas, folclorizadas ou apresentadas sem a devida contextualização. A falta de uma abordagem crítica sobre essas manifestações reduz sua relevância histórica e espiritual, transformando-as em meras atrações turísticas ou elementos decorativos.

A dissertação de Mirtes contribui para a compreensão de como as instituições culturais moldam a percepção do ser sergipano. Enquanto o Museu da Gente Sergipana constrói uma imagem homogênea da sergipanidade, baseada em estabilidade e coesão social, o projeto Corpo-Terra questiona essa perspectiva ao trazer para o centro da discussão as culturas que resistem à homogeneização, resgatando histórias esquecidas e afirmando que a identidade sergipana é plural, multifacetada e, acima de tudo, marcada pela presença e resistência dos povos afro-indígenas.

Corpo-Terra reivindica o direito de contar outras histórias, aquelas que emergem dos corpos marginalizados e das memórias vivas, desafiando as narrativas dominantes e propondo uma reflexão sobre quais memórias são preservadas, quem tem o poder de contá-las e como o corpo pode ser um veículo de resistência e transformação cultural, trazendo à tona vozes que foram sistematicamente silenciadas.

#### **4 UMA CONTRA-NARRATIVA DE IDENTIDADE E RESISTÊNCIA CULTURAL**

Em *Quilombos, modos e significados* (2007), Antônio Bispo dos Santos, também conhecido como Nego Bispo, critica a ideia de identidade homogênea, especialmente em relação à construção de identidades impostas como forma de controle e dominação social. Sua obra questiona o processo de nomeação e classificação dos grupos quilombolas e negros pelo Estado e pela sociedade dominante, argumentando que essas designações servem mais aos interesses coloniais do que ao autêntico reconhecimento e valorização das comunidades.

Esse processo de rotulação, segundo ele, não é neutro, mas constitui uma ferramenta de poder e dominação que visa controlar e limitar as narrativas de grupos racializados. Nego Bispo defende que a autonomia identitária só é possível com uma rejeição dessas classificações externas, permitindo que os grupos desenvolvam suas próprias narrativas e modos de existir fora das imposições coloniais. A resistência dos quilombos e de outras comunidades afro-brasileiras se apoia no direito de nomear-se e definir-se segundo suas próprias tradições e cosmologias.

A palestra-performance Corpo-Terra<sup>49</sup> reforça a crítica às narrativas institucionais ao reivindicar o corpo como um documento vivo que carrega a ancestralidade e memória das culturas marginalizadas. A performance cênica, central ao projeto, emerge como uma forma de resistência ao ressaltar a corporalidade como território histórico de luta e identidade, onde corpos dissidentes se reconhecem e afirmam sua história na construção enquanto povos, resgatando as vozes que o discurso oficial insiste em silenciar, mas não consegue.

Jonathan incorpora em sua prática performativa a história viva dos povos afro-indígenas, cujo legado é celebrado na corporeidade, nas danças e nos rituais transmitidos de geração em geração. Nesse sentido, Corpo-Terra emerge como uma contra narrativa, onde o corpo é valorizado como repositório de conhecimento e símbolo de resistência contra a marginalização histórica. Assim, a palestra-performance transcende o papel de simplesmente celebrar a diversidade sergipana. As culturas dissidentes são convocadas como forças transformadoras, capazes de modificar o entendimento do passado, ressignificar o presente e influenciar a construção do futuro.

Em um território marcado pela luta de povos originários, afrodescendentes e comunidades tradicionais, a proposta se coloca como um instrumento para reconectar o povo sergipano às suas raízes, mas também convida o público a refletir o que significa ser sergipano?

## **5 PALESTRA-PERFORMANCE COMO FERRAMENTA DE REFLEXÃO**

A escolha da palestra-performance como ferramenta metodológica de "Corpo-Terra" reflete uma estratégia essencial para articular questões sobre sergipanidade de maneira crítica e envolvente. Esta metodologia possibilita a exploração de temas complexos através de uma abordagem que combina a estrutura de uma palestra acadêmica com elementos performativos. A palestra-performance transcende a mera exposição teórica, criando um espaço onde o corpo e a presença tornam-se ferramentas de reflexão e questionamento, permitindo uma comunicação racional e sensorial com o público.

A palestra-performance se distingue por seu caráter experimental e seu potencial de ruptura com a linearidade e formalidade convencionais. Nessa forma, os discursos teóricos são tensionados e reconfigurados, ganhando uma dimensão estética que facilita o engajamento do

---

<sup>49</sup> A palestra-performance é uma proposta artística que mistura discurso e ação cênica, onde o corpo do performer e a fala se tornam veículos para uma reflexão profunda sobre temas sociais, culturais e históricos. Ao invés de ser uma simples apresentação teatral, essa forma de performance busca engajar o público não apenas de forma estética, mas também intelectual, estabelecendo um diálogo contínuo entre o performer e a audiência.

público e, ao mesmo tempo, convida à auto-reflexão crítica sobre os temas discutidos. No caso de "Corpo-Terra," essa prática é articulada em quadros ou "cenas discursivas" que emergem das experiências do "artista pesquisador," onde cada aspecto performado dialoga com questões históricas, culturais e políticas dos povos sergipanos.

Essa prática cênica foi inspirada por produções como "Experimento Concreto", de Diego Araújo e Laís Machado, e "Descolonizando o Conhecimento", de Grada Kilomba. Ambas as obras serviram de guia para o desenvolvimento de "Corpo-Terra," especialmente na articulação entre corpo, memória e crítica social. "Experimento Concreto" trouxe uma perspectiva investigativa que enriquece a linguagem da palestra-performance, inserindo camadas críticas de identidade racial e colonialismo. Já "Descolonizando o Conhecimento" contribuiu para a abordagem reflexiva de "Corpo-Terra," pois questiona a hegemonia na produção de conhecimento.

O corpo do performer na palestra-performance não é apenas veículo de ideias, mas um "corpo-documento" que carrega histórias, resistências e vivências coletivas, especialmente aquelas marcadas pela ancestralidade afro-indígena, em confronto com o discurso oficial. Essa dimensão do corpo é fundamental para evocar a identidade sergipana como uma experiência encarnada, onde a presença física do artista amplifica e personifica as narrativas apresentadas.

A estrutura da palestra-performance, também proporciona um espaço político que vai além da contemplação passiva, convidando o público a participar desse processo reflexivo e se engajar em uma reconstrução das identidades regionais. Esse formato possibilita ainda uma crítica do próprio ato de performance e de exposição, levando o espectador a questionar como as histórias e identidades de Sergipe têm sido contadas, quem as conta e como podem ser transformadas.

A palestra-performance em "Corpo-Terra" atua como uma intersecção entre o discurso e a prática performativa, revelando-se uma ferramenta potente para desafiar e expandir as percepções sobre a sergipanidade. Ela transforma o espaço cênico em uma arena de investigação e partilha, onde o corpo e a voz são capazes de questionar e reconfigurar entendimentos enraizados, estimulando a construção de uma memória e de uma identidade que celebram as singularidades e resistências do povo sergipano.

## 6 PESQUISA ETNOGRÁFICA E IMERSÃO EM COMUNIDADES: DESCRIÇÃO DAS VIVÊNCIAS E INTERAÇÕES COM AS CULTURAS AFRO-INDÍGENAS

A pesquisa de Jonathan Rodrigues é marcada pela imersão direta nas culturas afro-indígenas de Sergipe, especialmente no contato com as tradições de Laranjeiras. Licenciado em Teatro pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), Jonathan residiu em Laranjeiras entre 2011 e 2015, onde vivenciou de perto expressões culturais, como a festa dos Lambe-Sujos e Caboclinhos e o Samba de Pareia da Mussuca. Esse contato inicial, fruto da proximidade territorial e cultural, aprofundou-se e tornou-se a base de sua prática artística e investigativa, especialmente a partir da pesquisa de campo.

Essas experiências foram catalisadoras para o desenvolvimento da dissertação de mestrado, “Samba de Pareia pelos Saberes do Corpo que Samba,” na qual Jonathan faz uma autocrítica sobre a abordagem anterior de sua prática artística. Em seu trabalho de campo, ele avançou para uma pesquisa etnográfica que envolveu morar na Mussuca, onde ele se dedicou a entender o universo das sambadeiras, suas histórias e sua visão sobre o que significa ser quilombola. Essa imersão na realidade do quilombo despertou memórias pessoais e criou uma conexão que foi além da pesquisa acadêmica, transformando-se em uma reapropriação sensorial e afetiva do seu passado: “Ouvido, nariz, pele, olhos... Quando foi mesmo que estive aqui?” – ele reflete, revelando como a presença física despertou sentidos adormecidos e memórias enraizadas.

Jonathan descreve essa experiência em sua dissertação:

“Entro na Mussuca e revivo minhas memórias de infância. Sou preenchido a todo o momento de um bem-estar familiar. Esse quilombo, de alguma forma, não me é estranho. Tudo agora faz outro sentido. A minha vó morava em uma casa que se localizava em uma grande extensão de terra cercada por arame farpado. Nessa terra moravam outros parentes. Um lugar com muitas árvores frutíferas e um rio onde ela pescava e, junto com meu tio, eu tomava banho. Pegava água de um poço que era compartilhado por todos da família. Sem contar as tardes que passávamos ao pé de uma mangueira na calçada da casa dela conversando horas a fio”.<sup>50</sup>

Essa vivência proporcionou a Jonathan uma ampliação no entendimento do “ser quilombola”, fundamentada no que as próprias sambadeiras acreditam sobre sua condição e existência. Ele nota que essa imersão abriu portas para uma descolonização de sua perspectiva, oferecendo-lhe outras dimensões sobre a realidade desses corpos:

<sup>50</sup> SILVA, Jonathan Rodrigues. *Samba de pareia pelos saberes do corpo que samba*. 2019. Dissertação (Mestrado em Culturas Populares) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2019, p. 64. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/13451>.

“Tal condição me deu outras dimensões sobre a realidade desses corpos... Esse trabalho, mesmo não tendo esse propósito como seu objetivo principal, funcionou em mim como uma trajetória de pesquisa marcada por uma descolonização mental.”

Na medida em que Jonathan se integrava ao contexto do quilombo, suas próprias raízes e sentidos também eram ativados, reconectando-o com os legados de resistência e pertencimento cultural. Ele escreve:

“Meus pés agora pisam e refletem na existência de outros caminhos que suponho serem capazes de me levar ao encontro de fortes vestígios de passos que dialogam também com minhas histórias de hoje, e outras de muito tempo atrás.”

Assim, a imersão nas comunidades e a prática etnográfica deram ao projeto Corpo-Terra uma dimensão que transcende a pesquisa acadêmica e se insere no âmbito das vivências e memórias pessoais. Ao incorporar essas experiências no corpo, Jonathan cria uma ponte entre o passado e o presente, proporcionando uma abordagem que questiona e amplia o conceito de sergipanidade, valorizando as vozes e práticas que resistem nas culturas afro-indígenas.

## **7 SOBRE LAMBE-SUJOS E CABOCLINHOS**

A festa dos Lambe-Sujos e Caboclinhos em Laranjeiras, Sergipe, é um exemplo de como narrativas populares podem tanto preservar quanto distorcer o passado de opressão e resistência afro-indígena. Realizada anualmente, no segundo domingo de outubro, essa celebração dramatiza o conflito entre os Lambe-Sujos, que representam negros escravizados fugidos, e os Caboclinhos, indígenas supostamente a serviço dos senhores coloniais. A ausência do colonizador branco como um agente direto da opressão, substituído pela oposição direta entre negros e indígenas, cria uma tensão simbólica que levanta questões sobre quem controla a narrativa e como a história é preservada.

Uma das canções entoadas pelos Lambe-Sujos ilustra essa disputa de narrativa: “Tava capinando, a princesa me chamou... Alevanta, nego, Cativeiro acabou.” Em outra versão, gravada por Clementina de Jesus em 1966, a letra evoca Cangoma, o tambor – símbolo da ancestralidade e resistência preta. Nessa versão, o tambor chama para a libertação, mas, na tradição dos Lambe-Sujos, a “princesa” substitui Cangoma. Essa alteração desloca o protagonismo da libertação do próprio povo negro para uma figura branca e monárquica. Essa diferença na letra das canções seria uma influência das autoridades sobre a festividade, impondo modificações?

Segundo o documentário *Lambe Sujos x Caboclinhos*, teria ocorrido uma interferência assim na segunda metade do século XIX, quando a polícia fez uma intervenção para que, na narrativa encenada, os negros fossem sempre derrotados, impedindo que a celebração pudesse inspirar revoltas ou questionamentos entre os escravizados. Edson Messias, que interpreta o capitão do mato, conta que na primeira versão da festa, tem uma história de que os negros venciam o embate e os caboclinhos eram derrotados. A possível imposição de uma derrota aos Lambe-Sujos inverte o significado original da festa, silenciando simbolicamente a resistência negra e mantendo uma hierarquia que subordina a narrativa popular à autoridade colonial.

Vanessa Regina dos Santos, em “FESTA como performance e CONTRADIÇÃO: Negros e ÍNDIOS, caboclos e escravos em conflito”, reflete que “a aparente desordem logo dá lugar à reorganização das relações sociais, ... neste evento os indígenas capturam e devolvem os negros para seus senhores, encerrando os conflitos e restabelecendo a ordem”. Ela afirma ainda que “Lambe sujós comemoram a sua própria derrota... Objeto de contradição social, a festa serve para ratificar a estrutura dominante em que a história do Brasil esteve imersa, onde negros permanecem excluídos do cenário social”.

A inquietação sobre a narrativa da festa dos Lambe-Sujos e Caboclinhos provocou reflexões significativas para a dramaturgia de *Corpo-Terra*. Na dramaturgia, Jonathan se inspira nessa festividade para investigar como a identidade sergipana é moldada por práticas que ora preservam, ora manipulam o passado. Ao ausentar a figura do colonizador branco, essa narrativa enfatiza uma tensão direta entre negros e indígenas.

Essa lacuna é mais que uma omissão, ela põe negros e indígenas como antagonistas simbólicos. Dessa forma, mesmo como expressão cultural, a festa encena o “espetáculo” da opressão e sugere um tipo de “reconciliação forçada” com a própria história. A performance não oferece aos negros um desfecho redentor. Ao final da festa, restabelece-se a “paz” sob os mesmos princípios de desigualdade. Como contraponto, *Corpo-Terra* propõe uma construção de identidade que vai além do conflito, ao reconhecer a união desses povos como deflagradora de uma narrativa identitária que ressignifica as histórias de resistência e vivências compartilhadas.

## **8 O SAMBA DE PAREIA E AS RELAÇÕES DE CONVÍVIO E PESQUISA**

A palestra-performance *Corpo-Terra*, nasce de um processo de reconexão do autor, com as raízes afro-brasileiras, que tem como marco sua trajetória na Muçuca, um dos quilombos mais tradicionais de Sergipe. O ponto de partida foi sua pesquisa na Universidade Federal de

Sergipe (UFS), onde apresentou a cena Ao Som do Corpo de Pareia – uma tentativa inicial de integrar o Samba de Pareia da Muçuca à Mímica Corporal Dramática (MCD), técnica teatral de origem francesa. Jonathan logo percebeu que essa abordagem acadêmica inicial limitava sua compreensão do Samba, colocando-o em uma posição secundária, como uma representação teórica e distante de sua realidade e significado.

Assim, a pesquisa acadêmica evoluiu para uma vivência direta e imersiva, onde Jonathan buscou se integrar à comunidade da Muçuca. Morando no quilombo, ele compartilhou do cotidiano das mulheres sambadeiras e marisqueiras, nas calçadas, ladeiras e nas comemorações. Esse contato próximo permitiu-lhe entender que o Samba de Pareia não é apenas uma dança, mas uma celebração de nascimento, sustentada pelas mulheres do quilombo como uma prática essencial e comunitária. Ele reflete: “Se eu me encontrasse com essas mulheres no meio da rua, sem os paramentos folclóricos ou em alguma barraca de feira vendendo os seus pescados, naquela época, eu não as reconheceria.” Essa observação revela como o contato real com a tradição foi necessário para que ele pudesse ultrapassar a visão limitada e folclorizada com a qual inicialmente abordou o Samba de Pareia e a qual é divulgada amplamente dentro e fora do estado.

No contexto do Samba, a comunidade da Muçuca valoriza a celebração do nascimento das crianças, tradição que conecta o quilombo a ensinamentos e práticas africanas. Sobonfu Somé, no livro *Acolhendo o Espírito – Ensinamentos Ancestrais Africanos na Celebração dos Recém-nascidos e da Comunidade*, menciona que as crianças, ao nascerem, “trazem saberes e dons que garantem a sobrevivência da aldeia”. Na Muçuca, essa tradição tem se tornado rara. O último “samba de visita” para celebrar um nascimento aconteceu há dois anos. A transformação do Samba de Pareia em uma apresentação folclórica fora do quilombo reflete as mudanças e pressões externas, ao mesmo tempo que mantém viva a presença da cultura muçucuense, ainda que em outro contexto.

A erosão das práticas e tradições na Muçuca está profundamente ligada a fatores externos, como o racismo estrutural, a degradação ambiental e as mudanças na configuração religiosa. A presença histórica da igreja católica, somada ao crescimento das igrejas evangélicas, interfere diretamente nas práticas e valores afro-brasileiros, particularmente aqueles ligados às religiões de matriz africana. Essa expansão religiosa influencia até mesmo a visão das pessoas dentro da própria comunidade sobre suas tradições. Muitas mulheres sambadeiras, por exemplo, abandonaram práticas culturais e religiosas relacionadas aos terreiros, seja por pressão social ou pela crescente assimilação de valores externos.

Esse contexto se conecta com os impactos ambientais que transformam as práticas de subsistência e convivência local. Como pontuam Leonardo Maia e Isabela dos Santos na reportagem “O Corpo Território e as Transformações no Quilombo Muçuca”, a comunidade costumava manter uma “cultura de biointeração” com as matas e o rio, o que sustentava a vida e a espiritualidade local. A perda desses vínculos, exacerbada pelo afastamento de tradições espirituais, enfraquece a memória coletiva e intensifica as transformações sociais no quilombo.

Jonathan comenta em sua dissertação sobre a importância de respeitar os saberes orgânicos e a memória ancestral dessas mulheres:

“Por isso não convenciono legitimar os saberes dessas mulheres com a teoria acadêmica... esses saberes orgânicos, não são saberes só de hoje, nem de ontem. Mas de todos os tempos... A partir do momento que me debruço sobre o Samba de Pareia... vou sabendo de várias outras informações que me dão suporte... para falar sobre o sistema escravocrata ainda vigente, sobre as realidades desse quilombo, sobre tradição e contemporaneidade”.

No Corpo-Terra, o Samba de Pareia ultrapassa o papel de uma dança tradicional. O samba representa a identidade e a resistência do povo da Mussuca, da comunidade que luta contra as forças que ameaçam suas tradições e seu território. Como afirma Jonathan, é “um corpo que se entende quilombo, família, mulher. Que é atravessado por mecanismos de opressão social, mas que, como água, se molda dentro dessas dinâmicas.” Ao pisar no chão do quilombo, Jonathan retoma, pelo Samba, não apenas uma memória cultural, mas um compromisso com a preservação e a continuidade dessas tradições, que fazem do corpo e do território quilombola uma extensão da identidade e da resistência afro-brasileira.

## **9 OS KARIRI-XOCÓ E A RESISTÊNCIA INDÍGENA NO CORPO-TERRA**

O povo Kariri-Xocó, localizado em Porto Real do Colégio, Alagoas, na fronteira com Sergipe, desempenha um papel essencial na compreensão da cultura indígena que permeia o território sergipano. Apesar de estarem fora dos limites geopolíticos do estado, os Kariri-Xocó acolheram e ressignificaram histórias de outros povos indígenas expulsos de seus territórios, como o povo Xokó. Esse encontro é celebrado no Rojão do Rio Opará, canção evocada por Jonathan Rodrigues na dramaturgia de Corpo-Terra, que narra poeticamente essa fusão cultural:

“No meio daquele Rio / Dois povos se conheceram / Embaixo Kariri / Xokó lá de cima veio quando o rio era cheio (...) Aquilo foi tão bonito / Formaram um povo só / Uma grande aldeia / Povo Kariri-Xocó / A força ficou maior.”

A aldeia Kariri-Xocó simboliza um elo vivo com os povos que habitaram o território sergipano muito antes da chegada do colonizador. Essa conexão foi fortalecida por trocas e vivências diretas com lideranças indígenas, como Idiane Cruzá, educadora e fundadora da escola Swbatkerá. Idiane lidera um movimento de retomada da língua originária de seu povo, processo inspirado por sonhos e motivado pela resistência cultural diante de séculos de apagamento violento. Essa recuperação da língua não é apenas uma prática simbólica; ela reflete um esforço contínuo para preservar a memória e fortalecer a identidade ancestral.

No entanto, o apagamento cultural dos Kariri-Xocó não se limita à língua. Grafismos tradicionais têm sido substituídos por representações equivocadas em áreas públicas e escolas locais, comprometendo símbolos autênticos em prol de ícones de outras culturas indígenas. Esse tipo de distorção reflete um processo contínuo de "etnocídio" que apaga sistematicamente elementos fundamentais da memória coletiva e da identidade cultural do povo Kariri-Xocó.

Embora a identidade sergipana seja marcada por aspectos indígenas – evidentes em palavras do vocabulário cotidiano, práticas culturais e narrativas populares – o reconhecimento dessa herança é quase inexistente. Esse apagamento é um reflexo do processo colonial e das narrativas dominantes que moldaram a história oficial. Como consequência, Sergipe é o estado brasileiro com a menor população autodeclarada indígena proporcional ao número de habitantes. Esse dado denuncia o impacto brutal do genocídio e da violência sofridos pelos povos originários da região.

A própria Mussuca, território conhecido por suas tradições afro-brasileiras, era originalmente habitada pelo povo Tupinambá. Relatórios antropológicos do Inca confirmam a presença de sítios arqueológicos Tupinambás no quilombo, mas essa identidade indígena foi sendo diluída ao longo do tempo. Muitos moradores reconhecem uma descendência indígena em suas famílias, mas poucos se identificam como indígenas, ilustrando a força desse apagamento.

Em *Corpo-Terra*, Jonathan reflete sobre essa invisibilidade e incorpora elementos das cosmologias Kariri-Xocó, como o canto, o maracá e a reinterpretação da "maldição do cacique Serigy." Esse mito, frequentemente usado para justificar problemas estruturais de Sergipe, como o subdesenvolvimento e a baixa autoestima coletiva, é ressignificado na dramaturgia. Jonathan questiona como Serigy, líder Tupinambá que lutou pela defesa de seu território, foi transformado em um símbolo de infortúnio, invertendo seu legado de resistência.

Outro ponto fundamental abordado em *Corpo-Terra* é o problema da água, elemento central para a vida e espiritualidade dos Kariri-Xocó. A comunidade depende do rio São Francisco – o Opará – para suas necessidades básicas, mas enfrenta os impactos da degradação

ambiental e da redução da vazão do rio, que já perdeu 60% de sua capacidade, segundo pesquisas recentes. Esse lamento ressoa no canto do Rojão: “Me dá uma grande tristeza, dá vontade de chorar / De ver o meu rio, nosso Opará secar / Meu rio, não se vá.”

Corpo-Terra busca reposicionar as vozes indígenas no centro da identidade sergipana, não como um resquício do passado, mas como uma presença viva e essencial para a compreensão do território. Ao incorporar os cantos, instrumentos e narrativas dos Kariri-Xocó, Jonathan propõe uma reflexão sobre o reconhecimento das raízes indígenas como parte fundamental da construção da identidade do povo sergipano. Além disso, destaca a importância de práticas culturais e laços comunitários que têm mantido essas tradições vivas, mesmo diante das adversidades impostas pela colonização e pelas narrativas hegemônicas.

## **10 CORPO-DOCUMENTO: O CONCEITO E SUA RELEVÂNCIA PARA O PROJETO CORPO-TERRA**

Para integrar o conceito de Corpo-Documento de Beatriz Nascimento no contexto do projeto Corpo-Terra, é fundamental entender o corpo não apenas como um agente performativo, mas também como um portador de memórias, resistências e saberes ancestrais. Nascimento utiliza o Corpo-Documento para descrever como o corpo negro — especificamente no Brasil e em diáspora — carrega as marcas históricas e culturais da opressão e, simultaneamente, as narrativas de resistência, resiliência e preservação de identidade. Em Corpo-Terra, o conceito se expande para abarcar o corpo indígena, reconhecendo a similaridade entre as experiências de sofrimento e sobrevivência diante das realidades de invasão, colonização e apagamento cultural enfrentadas tanto por povos negros quanto pelos indígenas.

Nesse projeto, o Corpo-Documento transcende o conceito original de Nascimento para incluir as múltiplas identidades e resistências que o corpo carrega, ao mesmo tempo em que funciona como um território de diálogo entre os saberes dos povos representados. O corpo do pesquisador Jonathan Rodrigues, ao percorrer não apenas o espaço acadêmico, mas também territórios quilombolas, aldeias indígenas e espaços cênicos, acumula e manifesta as vivências e as trocas culturais desses lugares, tornando-se um território móvel que registra e reflete as lutas e as heranças culturais.

A vivência de Jonathan na comunidade de Mussuca, por exemplo, permite uma resignificação do seu próprio corpo como um veículo de memória e resistência — um Corpo-Documento em processo de constante transformação. A extensão do conceito para o corpo indígena no Corpo-Terra possibilita um reconhecimento das lutas de povos como os Kariri

Xocó, onde o corpo também é memória viva dos efeitos da colonização e do etnocídio. O corpo indígena, assim como o negro, representa a preservação e a continuidade de tradições, saberes e vivências que desafiam o apagamento histórico e cultural.

Em Corpo-Terra, o corpo do pesquisador atua não apenas como um lugar de expressão artística, mas como um espaço que permite o acesso e a visibilidade dos saberes tradicionais dos povos indígenas e afro-brasileiros, mantendo um diálogo que conecta o passado ao presente e fortalece o futuro das culturas envolvidas. Dessa forma, o Corpo-Documento se torna uma ferramenta de resistência e de afirmação, reforçando o papel do corpo na construção e manutenção de identidades coletivas que dialogam e ressignificam o território em que estão inseridas.

## 11 CONCLUSÃO

A pesquisa Corpo-Terra se apresenta como uma contra-narrativa, ao resgatar as vozes de povos marginalizados, como os afro-indígenas, e ao reconhecer o corpo como um território de memória e resistência. A partir da vivência e inquietação de Jonathan Rodrigues, a proposta de Corpo-Terra desafia a uniformidade da identidade sergipana, trazendo à tona as múltiplas camadas históricas e culturais que compõem o estado.

Ao dialogar com manifestações culturais como o Samba de Pareia, o ritual do Lambesujo e Caboclinhos, e a cosmologia do povo Kariri Xocó, o projeto reafirma a pluralidade e complexidade da identidade sergipana, que, longe de ser homogênea, é marcada por uma rica diversidade de experiências e saberes. A crítica ao processo de folclorização dessas culturas, amplamente institucionalizadas e descontextualizadas, é um dos pilares da pesquisa, que se utiliza das artes cênicas e do conceito de Corpo-Documento para propor uma nova leitura da história local, mais inclusiva e representativa das resistências históricas.

Por fim, Corpo-Terra não apenas questiona a identidade sergipana construída pelas elites, mas também reivindica o direito de reconstituir essa identidade a partir das histórias e das vozes que sempre resistiram ao apagamento. O corpo, enquanto documento vivo, se coloca como a chave para um entendimento mais profundo e sensível da história e da cultura de Sergipe, reconhecendo os vínculos entre o passado e o presente, e propondo uma reconstrução identitária que seja plural, crítica e, acima de tudo, autêntica.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Denio. S; TECHIO, Elza. M; LIMA, Marcus. E. O. *Identidade regional e memória coletiva em Sergipe*. Ponta de Lança, São Cristóvão, v.5, n. 10 abr. - out. 2012.

CARDOSO, Amâncio. *Sergipanidade: nota sobre um conceito*. Instituto Federal de

CONCEIÇÃO, Mirtes Rose Menezes da. *Construindo uma identidade: um download do Museu da Gente Sergipana*. 2014. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2014. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/6274>. Acesso em: 25 out. 2024.

FONTES, Ilma Mendes. *A Fúria da Raça – Roteiro cinematográfico*. Aracaju/SE: J. Andrade, 1997.

GÓES, Cristian. *Sergipe é terra indígena lavada em sangue e esquecimento: como a elite local apagou da história as resistências e os genocídios dos povos originários*. Manguê Jornalismo, 2024. Disponível em: <https://manguenjornalismo.org/sergipe-e-terra-indigena-lavada-em-sangue-e-esquecimento-como-a-elite-local-apagou-da-historia-as-resistencias-e-os-genocidios-dos-povos-originarios/>. Acesso em: 17 nov. 2024.

KILOMBA, Grada. *Descolonizando o Conhecimento*. Palestra-performance. São Paulo: Centro Cultural São Paulo, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iLYGbXewyxs>. Acesso em: 23 set. 2024.

MACHADO, Laís; ARAÚJA, Diego. *Experimento Concreto*. Concebida pela Plataforma ÀRAKÁ (BA). 2021. Palestra-performance.

NASCIMENTO, Beatriz. *A história do Brasil é uma história escrita por mãos brancas*. Doc. O Negro da Senzala ao Soul. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-LhM1MaPE9c&t=14s>;

NASCIMENTO, Beatriz. *Beatriz Nascimento, Quilombola e intelectual: possibilidade nos dias da destruição*. Editora Filhos da África, 2028, 1ª Edição.

OLIVEIRA, Jorge; MELO, Ítalo. *Lambe Sujos x Caboclinhos*. 2017. [Documentário]. Direção: Jorge Oliveira e Ítalo Melo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WS37TNiZ8n4>. Acesso em: 05 nov. 2024.

SANTOS, Antonio Bispo dos. *Palmares existiu antes, durante e depois de Zumbi*. Disponível em: <https://www.instagram.com/rocadequilombo/reel/C0WuAEmO0NL/>. Acesso em: 12 nov. 2024.

SANTOS, Antônio Bispo. Fala em Fórum Negro de Arte e Cultura. Palestra. Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, BA, 21 mar. 2019. Parte 1: <https://www.youtube.com/watch?v=ByWld8Gomr8>. Parte 2: <https://www.youtube.com/watch?v=aAjYeoo5DYc&t=4s>. Acesso em: 23 set. 2024.

SANTOS, Isabela; MAIA, Leonardo. *O corpo território e as transformações no quilombo Muçuca*. Agência Eco Nordeste. Disponível em: <https://agenciaeconordeste.com.br/povos->

[tradicionais/o-corpo-territorio-e-as-transformacoes-no-quilombo-mucuca/](#). Acesso em: 30 nov. 2024.

Sergipe, 2020. Disponível em: <https://www.ifs.edu.br/ultimas-noticias/9013-sergipanidade-nota-sobre-um-conceito>;

SILVA, Jonathan Rodrigues. *Samba de Pareia pelos saberes do corpo que samba*. 2019. Dissertação (Mestrado em Culturas Populares) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2019. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/13451>. Acesso em: 23 set. 2024;

SOMÉ, Sobonfu. *Acolhendo o espírito – Ensinaamentos ancestrais africanos na celebração dos recém-nascidos e da comunidade*. 2023. Editora Filhos da África.